

## A Autoatividade da Classe Operária

George Rawick

George Rawick (1929-1990) é historiador norte-americano, com uma importante produção voltada para a luta negra nos Estados Unidos e história do movimento operário. Também foi militante político, tendo atuado no interior do autonomismo norte-americano e colaborado em várias publicações da chamada “esquerda americana”, especialmente da “nova esquerda” e, posteriormente, as publicações autonomistas. Ele manteve colaboração intelectual com outros autonomistas estadunidenses como CRL James e Martin Glaberman. O artigo a seguir de George Rawick apareceu originalmente no *Radical America* (vol. 16, num. 03, de maio-junho de 1982). Uma nova versão, mais longa, pode ser encontrada no volume 03, número 02, de março-abril de 1969. O *Radical America* foi um periódico político e cultural norte-americano que circulou de 1967 a 1999. Foi fundado em 1967 por um grupo de estudantes e ativistas da Nova Esquerda (*New Left*) nos Estados Unidos. Ele se propunha a realizar análises críticas do capitalismo e do imperialismo; apoiar movimentos sociais e políticos radicais; efetivar debates teóricos sobre marxismo, anarquismo e outras correntes políticas. Ele exerceu influência significativa nos círculos da Nova Esquerda e nos movimentos sociais dos anos 1960 e 1970. Entre os colaboradores regulares e ocasionais estavam: Noam Chomsky, Howard Zinn e Staughton Lynd, Abbie Hoffman, Bobby Seale, Allen Ginsberg e Norman Mailer. A **Revista Marxismo e Autogestão** vai traduzir e publicar obras do autonomismo norte-americano – sempre com notas críticas gerais e de rodapé, devido suas limitações teóricas e políticas – pois eles contribuem para a reflexão crítica sobre a esquerda e o pseudomarxismo, bem como sob os movimentos sociais e movimento operário, entre outros temas importantes para a luta política e cultural contemporânea. As obras mais amplas e desenvolvidas serão publicadas pela **Edições Enfrentamento**. A primeira obra publicada nesse sentido é justamente de George Rawick, *O Movimento Negro Americano*<sup>1</sup>. A Revista Marxismo e Autogestão inicia a série de traduções de autonomistas norte-americanos com esse texto de Rawick, que trata da autoatividade da classe operária norte-americana. O texto contém algumas ambiguidades típicas do autonomismo, mas em geral contribui com a defesa de uma reconstituição histórica do movimento operário não-institucional (é comum nos livros de pseudomarxistas o título de “movimento operário”, ou “classe operária” e esta nem sequer aparecer, aparecendo em seu lugar a história da burocracia sindical e da burocracia partidária, ou, no máximo, de “intelectuais esquerdistas” e não a luta operária em si e realizada pelos próprios operários). O resgate memorial das lutas operárias é defendido por Rawick, bem como a percepção do significado dos partidos e sindicatos como organizações integradas no capitalismo, apesar de certas ambiguidades. Nesse sentido, a leitura crítica desse – e de outros – textos de Rawick são importantes, assim como de outros autonomistas norte-americanos que estarão sendo traduzidos e publicados aqui e pela Edições Enfrentamento. O “marxismo” (pseudomarxismo) dominante é o “marxismo” (pseudomarxismo) da classe dominante, como já dizia Steven Gouldner<sup>2</sup>. Por isso, a história dominante sobre o “marxismo” (pseudomarxismo) é a história do “marxismo” (pseudomarxismo) dominante. Então é necessário recuperar a história do

<sup>1</sup> Cf. RAWICK, George. **O Movimento Negro Americano**. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2024.

<sup>2</sup> Cf. GOULDNER, Steven; MATTICK, Paul. **O Marxismo na História**. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.

marxismo autêntico (Marx, comunismo de conselhos, marxismo autogestionário, etc.) e do marxismo ambíguo (autonomismo, luxemburguismo e semelhantes). Isso justifica o projeto de traduções e publicações de representantes do autonomismo norte-americano (bem como a ignorância sobre o que é o autonomismo e suas manifestações históricas, como o italiano, alemão, português, etc.) e o presente texto de Rawick.

A história da classe operária nos Estados Unidos é um tema pouco explorado tanto pela Velha quanto pela Nova Esquerda. Em grande parte, as investigações acadêmicas e operárias têm se concentrado em uma história institucional focada nos sindicatos e, como ocorre com todas as abordagens institucionais, essa perspectiva se revela bastante conservadora. A história “radical” do movimento operário também não dedicou atenção à classe operária, pois estava concentrada em outra instituição: o partido político radical. Os marxistas, por vezes, mencionam a autoatividade da classe operária, o que é pertinente, visto que se trata do foco político principal de Marx; contudo, como E. P. Thompson observa no prefácio de sua obra monumental “*A Formação da Classe Operária Inglesa*”, frequentemente substituíram a autoatividade da classe trabalhadora pela ação do partido, pelo sectarismo e pela intelectualidade radical. Em decorrência dessa perspectiva institucional, a história do trabalho, de qualquer fonte, geralmente ignora a estrutura social, a inovação tecnológica e a relação entre estrutura e inovação.

\*\*\*

A classe operária americana mudou a sociedade americana, apesar do fato de o capitalismo americano ser muito poderoso e ter indicado claramente na década de 1930 que recorreria a qualquer meio, se fosse permitido, para impedir uma transformação radical da sociedade.

Podemos compreender de forma mais clara a força da classe trabalhadora americana ao analisarmos suas conquistas. Na Itália, a crise do capitalismo durante a era da Revolução Bolchevique e da Primeira Grande Guerra gerou o fascismo como uma reação ao anseio da classe trabalhadora italiana por poder. Na Alemanha, a crise do capitalismo resultou inicialmente na República de Weimar, que não trouxe mudanças significativas, seguida pelo surgimento do nazismo; o desfecho foi a mais devastadora derrota que qualquer classe trabalhadora já enfrentou.

Nos Estados Unidos, a situação foi diferente. Durante os anos 1920, as organizações da classe operária estavam debilitadas; contudo, na década de 1930, essa mesma classe se ergueu e deu origem a sindicatos industriais de massa, algo inédito em qualquer canto do planeta, sindicatos que mobilizaram todos os trabalhadores de diversas indústrias significativas em todo o território

nacional. Assim, a classe trabalhadora americana alcançou conquistas extraordinárias na história da classe operária internacional.

A organização integral das principais indústrias americanas, no entanto, foi uma marca das vitórias da classe operária americana e não a causa de suas vitórias. Os sindicatos não organizaram as greves e sim a classe operária, por meio das greves e através delas, que organizou os sindicatos. O crescimento de organizações vitoriosas sempre sucedeu a atividade grevista, quando alguns trabalhadores se engajaram em ações militantes e outros os acompanharam. A organização formal – quantos trabalhadores se organizaram em sindicatos e partidos, quantas assinaturas de jornais, quantos candidatos políticos foram nomeados e eleitos, quanto dinheiro foi coletado para mensalidades e assim por diante – não é o cerne da questão da organização da classe operária. As estatísticas de que precisamos para entender a história laboral da época não são essas. Em vez disso, precisamos dos números sobre quantas horas de trabalho foram perdidas na produção por causa de greves, a quantidade de equipamento e material destruídos por sabotagem industrial e negligência deliberada, a quantidade de tempo perdido por absenteísmo, as horas ganhas pelos operários durante a desaceleração, a limitação da aceleração do aparato produtivo por iniciativa da própria classe operária.

\*\*\*

A plena incorporação dos sindicatos na estrutura do capitalismo de estado americano levou a uma insatisfação generalizada dos trabalhadores com os sindicatos. Os operários enfrentam diretamente o desafio de encontrar formas de luta independentes dos sindicatos... Como consequência, os operários lutam nas fábricas por meio de greves selvagens e organizações independentes esporádicas. Fora da fábrica, apenas trabalhadores jovens e trabalhadores negros encontram alguma expressão social-política radical consistente, e mesmo as lutas dos negros e jovens são, na melhor das hipóteses, fracamente ligadas às lutas na fábrica.

Muitas vezes há uma reação muito sectária e notavelmente não dialética sobre esse desenvolvimento. Alguns historiadores e novos esquerdistas argumentam que isso demonstra que

o CIO<sup>3</sup> foi um fracasso que resultou apenas no disciplinamento dos operários<sup>4</sup>. Esse argumento ignora os ganhos do CIO em termos de padrões de vida mais altos, mais segurança para os trabalhadores e maior educação e esclarecimento. Claramente, as vitórias estão inseridas no capitalismo e a agência da vitória, o sindicato, tornou-se um agente do capitalismo também. Este é um exemplo concreto do que significa contradição em um sentido dialético; e é parte do processo que leva ao próximo estágio da luta dos trabalhadores, a greve selvagem.

Há duas características da greve selvagem que representam um novo estágio de desenvolvimento: primeiro, por meio desse dispositivo, os operários lutam simultaneamente contra os capitalistas, o Estado e o sindicato; segundo, eles alcançam uma forma muito mais direta de atividade de classe, recusando-se a delegar aspectos de sua atividade a uma agência externa a eles.

Quando a onda de greves selvagens começou a surgir como uma nova forma de autoatividade e organização da classe operária, era difícil ver (exceto em um nível puramente especulativa) para onde isso tudo poderia levar. Mas, depois de vislumbrar o futuro que os conselhos operários apresentaram durante a Revolução Húngara em 1956 e a revolta francesa de maio e junho de 1968, a nova sociedade que só pode ser construída e defendida por meio da luta revolucionária se torna clara: conselhos operários em todos os setores da vida nacional e um governo de conselhos operários.

---

<sup>3</sup> A CIO (Congress of Industrial Organizations) ou Congreso de Organizações Industriais, foi uma federação de sindicatos trabalhistas nos Estados Unidos, fundada em 1935. A CIO surgiu como uma resposta às limitações do movimento sindical tradicional, representado pela American Federation of Labor (AFL), que se concentrava em sindicatos por ofício. A CIO buscava organizar os trabalhadores por indústria, independentemente de sua habilidade ou ofício específico. Isso permitiu que os trabalhadores de diferentes setores de uma indústria se unissem em um único sindicato, aumentando sua força negociadora. A CIO desempenhou um papel fundamental na organização de greves e negociações coletivas em setores como: Indústria automobilística, Siderrurgia, Mineração, Têxteis. Entre os líderes proeminentes da CIO estavam: John L. Lewis, Walter Reuther. Em 1955, a CIO fundiu-se com a AFL, formando a AFL-CIO, que é a principal organização sindical nos Estados Unidos até hoje. No texto, a CIO é mencionada como um exemplo de organização sindical que, embora tenha conquistado importantes vitórias para os trabalhadores, eventualmente se tornou parte da estrutura capitalista estatal, perdendo sua capacidade de mobilização e autonomia.

<sup>4</sup> Essa abordagem de Rawick, supostamente “dialética”, confunde as coisas e transforma um acontecimento concreto histórico necessário como “virtude”. A partir desse raciocínio seria possível dizer que o massacre de operários que geraram revoltas posteriores seria algo “positivo”. É preciso distinguir, por um lado, o caráter das relações sociais e acontecimentos históricos e, por outro, suas consequências. Estas podem ser benéficas ou maléficas. No caso da CIO, existiram resultados benéficos e maléficos, o que nada tem a ver com dialética e sim com realidade concreta e focalizar nos aspectos benéficos (a luta operária autônoma e independente da CIO) e deixar de lado os aspectos maléficos, que é os efeitos ilusórios e ideológicos sobre vastos setores da classe operária, entre outros (NRA).